



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE  
PEDAGOGIA**

**VIVIANE TELES DE SANTANA**

**IDOSAS NO ENSINO SUPERIOR DA UFAL: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E  
RELAÇÕES COM A UNIVERSIDADE**

Maceió – AL  
2024

VIVIANE TELES DE SANTANA

**IDOSAS NO ENSINO SUPERIOR DA UFAL: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E  
RELAÇÕES COM A UNIVERSIDADE**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Me. Andresso Marques Torres

Maceió – AL  
2024

## **IDOSAS NO ENSINO SUPERIOR DA UFAL: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E RELAÇÕES COM A UNIVERSIDADE**

Viviane Teles de Santana (UFAL)  
[viviane.santana@cedu.ufal.br](mailto:viviane.santana@cedu.ufal.br)  
Andresso Marques Torres (UFAL)  
[andresso.torres@cedu.ufal.br](mailto:andresso.torres@cedu.ufal.br)

### **RESUMO:**

Este artigo tem como objetivo compreender o que narram as idosas estudantes do ensino superior, sobre seus percursos na Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Partiu-se da seguinte problemática: O que narram as estudantes idosas no ensino superior em seus percursos na Universidade Federal de Alagoas? Metodologicamente, enveredou-se pela abordagem qualitativa, fazendo uso da entrevista narrativa, na qual houve a abordagem de suas histórias pessoais, escolares, motivações, desafios e aspirações no contexto acadêmico, sobretudo na Ufal. Os resultados revelaram uma diversidade de experiências e perspectivas entre as estudantes idosas, evidenciando, entre outros aspectos, a negação de direito à educação, as conquistas na trajetória de vida, a busca pelo conhecimento como motivação central para ingressar na universidade e o desejo de ampliar horizontes intelectuais explorando novas áreas de interesse. Para essas mulheres, permanecer estudando representou superar desafios singulares, enfrentando preconceitos, barreiras sociais e culturais relativas à idade. Além disso, a continuidade dos estudos tem proporcionado bem-estar físico e mental, bem como realização pessoal e profissional, com perspectivas de concretização de sonhos futuros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudantes idosas. Narrativas do ensino superior. Permanência universitária.

### **1 INTRODUÇÃO**

Na história da educação no Brasil, no que se refere à perspectiva do direito à educação, são percebidos descasos por parte dos governos que não se preocuparam politicamente com iniciativas educacionais que possibilitassem o acesso e a permanência de todos, indistintamente. Observa-se, ainda, que os grupos mais afetados por tais descasos são os das classes populares, sendo que muitos homens e mulheres chegam a velhice sem saber ler e escrever. Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos figura como uma modalidade educacional que pode permitir, outra vez, a experiência escolar.

Nesse sentido, com o aumento da expectativa de vida no Brasil, em decorrência das políticas de saúde, por exemplo, vem ocorrendo um aumento crescente de demanda dos sujeitos idosos por educação, seja na educação básica ou superior. Essa última, ao qual focalizamos neste Trabalho de Conclusão de Curso, figura como um sonho possível, após a conquista progressiva por escola. No entanto, associado a esse sonho, há inúmeros desafios para a permanência na Universidade, cujo modelo, mediado pela racionalidade técnica, não fora pensado para receber esses sujeitos, o que implica, por vezes, em desencontros entre a cultura institucional e os conhecimentos prévios albergados em diferentes espaços-tempos da vida.

Identifico, nesse caso, que o desafio da permanência tem construído formas próprias de enfrentamento, o que entendemos como uma maneira de se apropriarem dos lugares, tornandoos próprios. Para tanto, partimos da seguinte problematização: **o que narram os sujeitos idosos, estudantes do ensino superior na Ufal, sobre seus percursos na universidade?** E como objetivo geral buscamos compreender o que narram duas idosas estudantes do ensino superior, sobre seus percursos na Universidade Federal de Alagoas. Especificamente, intencionamos: i) Identificar os desafios enfrentados pelos idosas estudantes durante suas trajetórias de vida escolar; ii) Analisar as motivações e expectativas das idosas ao ingressarem na universidade Federal de Alagoas; iii) Analisar, por meio das narrativas, as experiências formativas e as relações com a universidade.

O interesse pela temática surge a partir da própria experiência ao ingressar no ensino superior como sujeito adulto e me deparar com uma realidade de convívio social e diferenças culturais que foram grandes desafios nessa caminhada. Ao estudar a modalidade de Ensino para Jovens, Adultos e Idosos, me identifiquei como um dos sujeitos da EJAI, que compartilha dos mesmo desafios e obstáculos, de forma que passei a perguntar-me sobre como seria a relação com o sujeito idoso no ensino superior.

## **1.1 O caminho da pesquisa**

Partindo do objetivo de compreender os percursos estudantis das sujeitas idosas no ensino superior, da Ufal, é que incursionamos pela perspectiva narrativa, que se constitui, segundo Jovchelovitch; Bauer (2002, p. 93) em uma técnica cujo interesse está em “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível”. Assim, tais acontecimentos se plasmam nas percepções sobre as experiências com a universidade, destacando a relação com os outros (estudantes, professores, técnicos) e com a institucionalização, por vezes, meramente técnica, com que são revestidos os processos dentro da universidade. É importante ressaltar que o ingresso de pessoas idosas na universidade,

especificamente, na Ufal, tem se configurado como um fenômeno ainda pouco estudado, tanto é que nos dados públicos sobre matrículas, não constam, por exemplo, os relativos à faixa etária, o que pode denotar uma ideia de que a universidade é destinada aos/às jovens.

Ainda sobre esse silêncio institucional, podemos entender que os sujeitos referidos existem, fazem parte da universidade, estão nas salas de aula, possuem múltiplas expectativas em relação ao curso e desejam ser vistos e considerados como também pertencentes ao espaço supracitado, uma vez que compreendemos que a educação surge como um espaço de possibilidades para troca de experiências e de novos aprendizados e ainda “contribuindo com seus conhecimentos acumulados ao longo da vida” (Cachione, 1998, p.8).

Nesse sentido, como já referido, o campo empírico da pesquisa foi o câmpus A. C. Simões, da Ufal, que dentre todos os campi, representa a cidade universitária. De modo geral, a universidade possui um quantitativo de 26 mil alunos matriculados em todo estado. Em seu quadro estatístico, os estudantes são classificados por gêneros e etnias, sendo identificada a ausência de dados etários, fato que demonstrou um empecilho para que conseguíssemos localizar as pessoas. Diante disso, sem base de dados específicos, começamos a caminhar pela cidade universitária, na busca por esses estudantes. Partimos, a priori, do Centro de Educação, lócus onde esta pesquisa está sendo pensada, mas não obtivemos êxito.

Prosseguindo nosso percurso investigativo, nos dirigimos à Faculdade de Letras, sob indicação de que havia uma pessoa idosa matriculada no curso de Letras – Português, informação que se confirmou. Nosso contato com discente se deu de maneira amistosa, sem grandes resistências, mas apresentando condições para que a entrevista fosse realizada, o que entendemos e aceitamos, considerando o movimento de pesquisar com o outro, e não sobre o outro.

O nosso primeiro contato com a estudante foi através da chamada telefônica, momento em que foi marcado um encontro virtual, não sendo possível acontecer presencialmente. Sendo assim, no dia 20 de novembro fizemos uma chamada de vídeo, via aplicativo *Whatsapp*, com a estudante Gilda dos Santos, 66 anos, do curso de Letras- português. No nosso caminho da pesquisa, recorreremos, também, a grupos de *Whatsapp*, nos quais apresentamos os objetivos da pesquisa. Nesse ínterim, por meio desse recurso, localizamos uma estudante de Engenharia civil – Irene Lima (60 anos) –, que aceitou participar, e logo marcamos o nosso encontro. Assim, a entrevista ocorreu via chamada de vídeo pelo mesmo aplicativo, no dia 22 de novembro.

A seguir, apresentaremos as duas estudantes idosas que participaram junto conosco nessa pesquisa, em que narram seus percursos no Ensino superior, na Universidade Federal de Alagoas.

*Gilda da silva* - tem 66 anos, mulher negra, estudante do quarto período do curso Letras – Português, viúva e pensionista, nasceu na cidade de Quebrangulo, Alagoas, em meio a 11 irmãos. Tem três filhos, sete netos e quatro bisnetos. Em sua trajetória escolar, relata muitas dificuldades enfrentadas, pois seus pais não tinham condições financeiras para a compra de materiais escolar, como lápis e cadernos. Assim, quando veio morar em Maceió, buscou retornar a estudar, interrompendo na quarta série, em razão do casamento aos 16 anos. Regressou aos estudos tempos depois aos 50 anos, mas relata que não teve como continuar, por razões pessoais e escolares. Foi aos 60 anos que, finalmente, voltou a estudar na EJAI, concluindo e recebendo a motivação da filha para não desistir. Com ajuda de sua filha e neta, prestou o Exame Nacional do Ensino Médio, em 2019, não obtendo a aprovação; na segunda tentativa, em 2020, conseguiu almejar o tão sonhado objetivo: ingressar no curso de Letras – Português, da Ufal.

*Irene Lima* - 60 anos, mulher negra, nasceu em Teresina/Piauí, filha caçula de nove irmãos, sua mãe era dona de casa e o pai, militar. Mesmo vindo de uma família sem muitas condições financeiras, sua mãe foi a principal motivadora dos filhos, que mesmo sem ensino superior todos conseguiram se formar, pois reconhecia na educação condições para terem profissões melhores. Formada em duas graduações – Matemática e Ciências Contábeis –, e cursando a terceira, tendo acessado a universidade na primeira graduação aos 19 anos, e a segunda com 43 anos. Atualmente está na terceira graduação, no quarto período em Engenharia Civil, na Ufal, ingressando em 2020 através das vagas abertas para portador de diploma, inicialmente no curso de Economia, tendo solicitado reopção de curso para Engenharia, sendo a única idosa do curso. Atualmente, é funcionária pública aposentada pela Caixa Econômica Federal e se considera classe média.

### **3 NARRATIVAS DAS ESTUDANTES IDOSAS DO ENSINO SUPERIOR EM SEUS PERCURSOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**

Nesta seção abordaremos as narrativas das duas estudantes idosas entrevistadas e que estão matriculadas no ensino superior da Ufal. Destacamos, assim, seus percursos na universidade, enfatizando as motivações, medos, preconceito e como se relacionam com o conhecimento. Compreendemos a educação como um ato político em que os sujeitos têm a possibilidade de transformar sua realidade, de modo que como seres sociais e históricos vivem na busca de *ser*

*mais*, como defende Freire (1987), seja na apropriação de conhecimento ou na qualificação para melhores condições de vida. O ensino superior é uma das etapas desse contexto em que se tem a possibilidade de alargar o campo de compreensão do mundo. Porém, esse espaço é vivido com grandes desafios, desde o acesso até as condições da permanência, sobretudo quando se trata de pessoas idosas. Assim, concordo com Azevedo; Viana (2021) quando afirmam que:

[...] é preciso pensar o idoso como um sujeito que continua aprendendo e que pode estabelecer uma relação com a educação ao longo de sua vida em função de suas necessidades e caminhos escolhidos para trilhar. E nesse pensar, o recurso às histórias de vida dos próprios sujeitos se apresenta como fundamental na medida em que recupera o protagonismo deste como ponto de partida do processo pedagógico, trazendo suas particularidades, mas, também suas práticas sociais (Azevedo; Viana, 2021. p.10).

Partindo da compreensão do sujeito idoso como aquele que continua aprendendo, é que situamos as falas das entrevistadas, analisando as nuances sobre *a trajetória de vida e escolar, o ingresso na universidade e a permanência*.

### **3.1 Trajetória de vida e escolar nas narrativas das estudantes idosas do ensino superior**

As narrativas das estudantes em relação aos seus percursos de vida e escolar sublinham trajetórias marcadas pela interdição do direito à educação, apontam ainda, a superação dos desafios ao longo da vida, sobretudo para terem acesso ao ensino superior. A primeira entrevistada foi a graduanda Gilda, 66 anos, que na ocorrência da entrevista, realizada em 2023, era estudante da Faculdade de Letras (Fale/Ufal), no curso de Língua Portuguesa. Narrou que vivenciou dificuldades na sua infância para ter acesso à escola, não conseguindo estudar até os 8 anos, ao passo que apenas com nove anos é que conseguiu acessar em uma classe multisseriada, situada em uma escola da zona rural de Quebrangulo<sup>1</sup>, cidade do agreste de Alagoas. Gilda, mãe, avó e bisavó, viúva e pensionista, reside atualmente na capital de Alagoas, Maceió, no bairro da Chã de Bebedouro.

---

<sup>1</sup> Quebrangulo, situado no agreste, é um município do estado de Alagoas que reúne patrimônio histórico-cultural, beleza naturais e artesanato.

Ela nasceu na zona rural da cidade de Quebrangulo, entre onze irmãos, sendo a única que conseguiu continuar os estudos, e hoje está cursando o ensino superior, de modo que essa conquista traz um sentimento de superação em meio a tantas dificuldades, pois como relatou:

---

“a minha mãe tinha um sonho de que os filhos estudassem, no entanto, a única que conseguiu estudar foi eu, os outros não conseguiram aprender a ler” (Gilda, 66 anos).

Essa realidade reflete o contexto histórico da educação brasileira, que traz muitas marcas de descasos e negação de direitos pelo Estado, sobretudo na educação, que não se constituía para todos e todas, sendo negada a uma grande parte da população, incluindo a nossa entrevistada, como podemos perceber na narrativa a seguir:

No tempo que eu estudei as condições era difícil porque não tinha nada de graça. Não tinha um caderno para estudar, um lápis e né que não tinha condições de comprar lápis, o lápis era pequenino, não tinha condições de comprar livro. Então, eu estudei, em Quebrangulo, depois vim para Maceió, aí, depois parei e, me casei (Gilda, 66 anos).

As condições difíceis, aludidas, têm relação com as questões econômicas, imprescindíveis para a permanência escolar, como demonstrou Reis (2016), ao estudar os percursos de jovens negros no Estado da Bahia. A expressão *permanência material*, para a autora, se aproxima do que viveu Gilda, ou seja, não ter o dinheiro para comprar cadernos, lápis, livros. Essa dimensão torna-se um fator preponderante para os sujeitos das classes pobres, especialmente quando se trata de garantir a continuidade do processo de escolarização. No caso da estudante, o seu percurso escolar foi, nessa parte da sua vida, interrompido na quarta série – denominação da época –, do ensino fundamental.

Nessa perspectiva, mesmo morando na capital Maceió, estudando em algumas escolas, não conseguiu avançar e interrompeu novamente quando precisou fazer uma prova do exame de admissão que era necessário para conseguir estudar no ensino fundamental anos finais (denominação atual) e não tendo condições financeiras, não deu prosseguimento. Entretanto, a vontade de aprender permaneceu, mesmo com a interdição do direito. Nesse sentido, Paiva (2006) afirma que:

Especificamente na educação de jovens e adultos, a história não só registra os movimentos de negação e de exclusão que atingem esses sujeitos, mas se produzem a partir de um direito conspurcado muito antes, durante a infância, negada como tempo escolar (Paiva, 2006, p.521).

Partindo dessa compreensão, do direito interditado, como nos ajuda a entender a citação acima, é que compreendemos a trajetória da estudante Gilda como um sujeito da EJA. Isso porque, aos 50 anos, retorna à escola, com a esperança (do verbo esperar) de concluir a etapa da escolarização básica, interrompendo mais uma vez em razão das dificuldades enfrentadas, sobretudo no âmbito familiar por falta de incentivo do marido, conforme narra: “meu marido não queria que eu estudasse, até voltei, mas ele falava muito, então desisti” (Gilda, 66 anos).

Ressaltamos que isso reflete as condições de ser mulher em contexto social vivenciado pela estudante, limitando o ser mulher aos cuidados do marido e dos filhos, de acordo com autores como Silva; Freitas; Silva (2022, p. 247), com quem concordamos, ao afirmarem que: “a mulher desde a infância cresce ouvindo da família e da sociedade que sua função é só para o lar e cuidar dos filhos. Posteriormente com casamento e a gravidez [...] provoca o abandono da escola”. Tais questões foram vividas pela estudante Gilda que interrompeu a escolarização sucessivas vezes, sendo duas relativas a casamento e filhos.

Também atribui a dificuldade para entender os conteúdos ensinados, como um fator que a fez interromper os estudos escolares, quando do retorno aos 50 anos. Tempos depois, retorna à sala da EJAI, já idosa, após ficar viúva e com incentivos da filha, que não permitiu que ela desistisse, como relata: “a minha filha dizia ‘a senhora começou e vai terminar’” (Gilda, 66 anos). Nesse trecho, percebemos a força do apoio dos familiares, que é essencial em toda trajetória, revelando a dimensão simbólica, da qual fala Reis (2016) ao tratar da permanência como um *continuum*, que envolve sucessão e temporalidades múltiplas. O apoio e incentivo têm se mostrado, nos estudos, e neste não foi diferente, como dimensões importantes que possibilitam os prosseguimentos das trajetórias escolares e universitárias.

Irene, 60 anos, casada, natural de Teresina capital do Piauí, funcionária pública aposentada, foi a nossa segunda entrevistada. No momento da entrevista, ocorrida também em 2023, estudava na Faculdade de Engenharia Civil, da Ufal. Sua trajetória escolar foi realizada de forma linear, ou seja, sem interrupções. Além disso, graduou-se em Matemática, Ciências Contábeis e fez Pós-Graduação em Ensino da Matemática, esforços que atribui ao incentivo da sua mãe, que mesmo não tendo muitas condições financeiras, insistiu para que todos os nove filhos estudassem em escolas públicas e cursassem o ensino superior, conforme narrou:

Minha mãe que com pouca escolaridade, queria com os estudos, nós conseguíssemos uma colocação de emprego melhor, ela não queria que nos tornasse empregadas doméstica, nenhuma discriminação em relação à profissão. Mas ela queria que os filhos conseguíssemos mais, e alcançando posições de trabalhos melhores e atribuía aos estudos essa possibilidade (Irene, 60 anos).

O desejo da mãe de Irene fez com que houvesse uma mobilização familiar, por parte dela, para que os filhos pudessem ter acesso ao que ela não teve. Isso mostra que tal esforço coaduna com as evidências empíricas de Paiva (2006, p. 521) ao dizer que “[...] pais com pequena ou nenhuma escolaridade, reivindicam primeiro para seus filhos a condição de direito à educação, diversa da deles próprios, e poucas vezes se incluem como credores do mesmo direito”. Nesse ínterim, podemos refletir sobre a realidade de um contexto marcado por barreiras sociais e econômicas, no qual uma parcela da população se vê limitada na busca por sua própria escolaridade como um direito. Contudo, esses sujeitos empenham-se na busca desse direito em favor de seus filhos, reconhecendo a educação uma oportunidade para proporcionarlhes uma vida diferente.

De acordo com a interlocutora: “uma mãe que sempre dizia: ‘vocês são pobres, negros e nordestino e mulheres e através dos estudos podem ser mais. Porque naquele tempo década de 50 o destino era ser babá, ela disse vocês não serão. Vão ter que estudar” (Irene, 60 anos). A mãe de Irene entendia que a educação era fator determinante para que os filhos alcançassem uma ascensão social e chegassem a uma condição diferente da sua. Assim, viu seus filhos tornarem-se engenheiros, médicos, com posições de trabalhos e lugar da sociedade em que poucas pessoas negras têm a possibilidade de alcance, sobretudo pelas formas institucionais e estruturais do racismo, como critica Sílvio Almeida (2019). Tal fato nos faz concordar outra vez, com Reis (2016, p. 83) quando afirma que para “[...] as famílias menos abastadas, e em geral negras a universidade representa um grande feito, já que no seu imaginário ela estava ausente, distante, pouco provável”.

Com base nisso, a interlocutora diz que:

as Universidades são espaços de poucos negros, eu encontrei na primeira graduação poucos negros, meus irmãos médicos, de negros eram somente eles e outro, a minha irmã que fez engenharia civil era a única negra e mulher. Hoje na Ufal e no curso de Engenharia, vejo poucos negros, tanto alunos como professores” (Irene, 60 anos).

Tendo acessado a universidade, em sua primeira graduação, aos 19 anos, possui um parâmetro qualificador da sua fala, pois teve a oportunidade de retornar outras vezes para esse mesmo espaço, vivenciando-o outra vez, no curso de Engenharia Civil, como aludido. Na sua segunda graduação, aos 40 anos e com mais experiência, ela enfrentou muitos desafios. Antes disso, havia passado em um concurso público e se tornado funcionária da Caixa Econômica Federal. Se aposentou por acidente de trabalho antes dos 40 anos, o que foi um dos motivos

para cursar uma segunda graduação em Ciências Contábeis. Ela descreve esses momentos como distintos e reconhece que agora, neste ciclo da vida, enfrenta novos desafios.

As trajetórias de vida e escolar de Irene e Gilda reforçam o que diz Freire (1987), que a educação é um ato de transformação e de uma constante busca para “ser mais”, uma vez que somos seres inacabados, e que, portanto, aprendemos continuamente, ao longo das experiências que vamos tecendo e re-tecendo.

### **3.2 O acesso e permanência no Ensino superior**

Nesta subseção, que se subdivide, discutimos, por meio das narrativas das idosas, seus percursos ao ingressar na Universidade Federal de Alagoas, nos cursos de Letras – Português e Engenharia Civil, respectivamente, destacando as motivações, o acolhimento e preconceito etário, bem como os aspectos que desembocam na permanência universitária.

#### **3.2.1 Motivações para ingresso na universidade**

No que se referem às motivações das estudantes em relação ao ingresso na universidade, as quais variam consideravelmente, desde a busca por melhorias na saúde mental ao desejo de se sentirem produtivas. Para Gilda, o retorno aos estudos, na universidade, se deve a tentativa de sair de uma depressão, que após ficar viúva relata que: “era muita doença eu quase ia entrando em depressão, e para não tomar remédio controlado, resolvi continuar estudando” (Gilda, 66 anos). O ensino superior, no caso da estudante, contribuiu de um lado para a manutenção de diálogos com outras pessoas, destacando o caráter interativo dos espaços educacionais, e de outro, uma alternativa a mais na construção de outros conhecimentos, possibilitando a “cura” das doenças. Ela narra: “se não tivesse passado no Enem para Ufal, iria tentar em uma faculdade particular, pois queria muito continuar”, o que revela a persistência para prosseguir estudando, sendo essa insistência uma característica identitária com o saber. Destacou que essa possibilidade de continuidade dos estudos ocorreu com o reconhecimento e elogios de seus professores (as), como diz: “os professores diziam ‘dona Gilda a senhora tem uma letra bonita, se a senhora fizer o Enem pode passar’, ouvindo isso resolvi com a ajuda da minha filha e neta me inscrever, não é que passei” (Gilda, 66 anos). Isso destaca que incentivo por parte dos docentes desempenha um papel crucial no processo de prosseguimento das trajetórias educacionais, motivando a estudante na busca de novos desafios

e realizações, que transcendem, sem dúvidas, a ideia de que “tinha a letra bonita”. Esse, talvez, seja um elemento particular da teia que reveste o incentivo por parte dos docentes.

Entretanto, a estudante Irene (60 anos) do curso de Engenharia Civil, confidenciou que com a pandemia e todo o isolamento social resolveu voltar a estudar, ingressando como portadora de diploma em um curso da área de exatas, com 58 anos, já aposentada. Disse que estava em busca de novos desafios e sua principal motivação foi para se sentir produtiva, porque estava com sintomas de depressão. Vale ressaltar que os processos educativos podem possibilitar melhoria na qualidade de vida na velhice, uma vez que de acordo Cachioni 1998 “[...] o ensino na velhice e os programas educacionais são essenciais para bem-estar social e físico e para o desenvolvimento pessoal”. Desse modo, nos conta: “voltei estudar pois precisava me senti produtiva” (Irene, 60 anos).

Na perspectiva de sentir-se atuante e produtiva, a estudante inicialmente optou por cursar Economia, entretanto, após um período, optou por mudar para Engenharia Civil, e expressou que: “seria um desafio nessa etapa da vida” (Irene, 60 anos). Com base nas narrativas da interlocutora, concordamos com Leão (2008, p. 47) ao afirmar que:

Os adultos maduros idosos retornam ao caminho da educação o fazem não apenas pela perspectiva da atualização cultural, da busca por novos vínculos sociais, necessidades de regulação emocional ou como atividades para ocupar o tempo livre. Procuram atividades para desenvolvimento de habilidades específicas, para uso prático do conhecimento. Procuram espaços educativos mais críticos e contextualizados.

Nesse contexto, a motivação da estudante ao voltar para a universidade vai além de simplesmente preencher o tempo, abrangendo também a busca por atualização, desenvolvimento de habilidades específicas e aplicação prática do conhecimento adquirido. Embora muitos na sociedade possam não reconhecer isso, ela aspira contribuir para a comunidade por meio desses estudos, além de encontrar realização pessoal. enxerga essa jornada educacional como uma oportunidade para se manter relevante, crescer profissionalmente e fazer uma diferença positiva no mundo ao seu redor.

### **3.2.2 Acolhimento e o preconceito etário**

No que se refere a questão dos modos como foram acolhidas na universidade, as estudantes revelaram situações distintas, ambas relativas ao preconceito etário. A estudante Gilda (66 anos) narra: “fui bem recebida, todo mundo me conhece lá no curso, eles na hora do

trabalho me falam a minha parte nos slides e eu falo, não senti diferença não”. Complementa dizendo: “todos se preocupam e cuidam de mim”. Nesse sentido, não houve percepção de preconceito etário experimentado por alguns indivíduos em determinados contextos acadêmicos.

A estudante Irene se deparou com o preconceito etário; sobre essa questão relatou que: “os colegas olham com estranhamento e as pessoas perguntam: ‘o que está fazendo aqui’? Eu respondo: aqui na universidade, estudando e aprendendo. Eles falam: A senhora poderia estar em casa descansando” (Irene, 60 anos). É preciso, antes de tudo, entender a origem desse estranhamento, que tem seu nascedouro em uma crença social de que a universidade é para poucos, notadamente os mais jovens, que estão na chamada idade produtiva e que, portanto, ao se formarem darão uma contribuição social, trabalhando em suas respectivas áreas. Quanto ao sujeito velho, não se espera mais dele esse retorno ao mundo do trabalho.

A outra face desse preconceito pode estar relacionada a imagem social que se construiu da velhice: uma idade declinante, em que não há perspectivas de aprendizagens. Esse imaginário que é produzido externamente, ou seja, não é o próprio sujeito que o define, mas os mais jovens que falam por ele, é prejudicial às relações humanas entre iguais, uma vez que separa a possibilidade de diálogo, de trocas de experiências, ao mesmo tempo que afasta a necessária formação humana. Em um mundo dominado pelo capitalismo, a ordem do dia são as práticas individualistas, nas quais a eliminação do outro é um fator preponderante. Nos parece, assim, que a estudante tem vivenciado esses aspectos, ao caminhar pelo núcleo duro – as engenharias -, na Ufal.

No que concerne à forma de acolhimento, a estudante relata que, inicialmente, a turma a segregou, levando-a a se aproximar de outra estudante que também ficou isolada: “não sei se isso se deu em razão da minha idade ou cor, e a outra ser estrangeira angolana, mas acabamos fazendo todos os trabalhos juntas” (Irene, 60 anos). Conforme Reis (2016, p.88):

[...] a sociedade classifica as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais aos membros de cada categoria social. Nos ambientes sociais também são estabelecidas as categorias de pessoas que tem probabilidade de nela serem encontradas. A entrada de um “estranho”, de um *outsider*, então, faz prever sua *identidade* social e, portanto, as relações entre eles são tensas.

Isso implica que as interações de acordo com ambiente são diferentes conforme os sujeitos, no que concerne à estudante idosa e negra em curso considerado elitista. Por outro lado, o curso de Letras, ao ser integrante do núcleo das ciências humanas pode possuir uma compreensão mais aberta em relação a determinados temas, o que não impede a realização de

outros estudos que visem aprofundar, de modo longitudinal e etnográfico, os resquícios de preconceito etário, no âmbito do ensino superior.

### **3.2.3 As impressões sobre o ensino na universidade**

As impressões sobre o ensino na universidade, para as estudantes incluem desafios específicos que são relacionados à idade, adaptação às novas tecnologias educacionais e desafios neste ambiente educacional em constante evolução.

A estudante Irene enfrentou desafios relacionados à vida acadêmica, contou que a universidade exige mais tempo de dedicação aos estudos, de modo que sentiu que devia superar os desafios, como diz: “no início foi muito difícil em algumas disciplinas por conta do domínio das tecnologias”. Considerando estar em curso das ciências exatas e ter sofrido a impressão de estranhamento por parte dos colegas e professores (as), conforme argumentou: “eu achei até engraçado ao entrar no curso de exatas, os professores terminam olhando para gente como o se não fossemos dá conta” (Irene, 60 nos), continua dizendo que teve que se esforçar mais para superar as dificuldades com as tecnologias, superando as suas expectativas.

Entretanto, em sua narrativa faz uma crítica comparando o ensino com as suas outras graduações, sentindo por parte dos estudantes jovens uma falta de comprometimento. Como relata: “eu fico vendo os jovens e me vejo na idade deles, e vejo hoje como eles perdem tempo e estudam muito pouco” (Irene, 60 anos). Essa fala revela uma preocupação com essa geração que mostra um desinteresse por parte de alguns estudantes que podemos atribuir a uma série de fatores, como distrações em universo virtual e desalinhamento entre objetivos acadêmicos e os interesses pessoais. Constata, a interlocutora, que: “Interessante eu olho para os jovens colegas e me considero igual ou melhor que eles, com um coeficiente no curso considerado alto” (Irene, 60 anos). Nesse sentido, a interlocutora diz que no que se refere a questão da idade o desempenho acadêmico tem sido satisfatório. Isso pode ser interpretado como uma afirmação do seu potencial de aprendizado ao longo da vida, desafiando a noção de que a idade é um obstáculo para se ter um sucesso acadêmico. Sobre os processos educativos, Soares (2015, p. 177) afirma:

A educação ocupa um papel fundamental para os aspectos cognitivos durante o processo de envelhecimento, favorece a formação crítica do idoso, para que tendo condições de manter-se ativo e com maior inserção social, com consciência de seus valores, com potencialidade de exigir mais respeito e dignidade, reivindicar os seus direitos e maior percepção de suas próprias competências.

A estudante Gilda apresentou como sendo uma das suas dificuldades a interpretação das linguagens, porque no curso de Letras a linguagem utilizada é mais formal, rebuscada, direcionada a norma culta, com palavras desconhecidas para a estudante. Contudo, considera a necessidade de uma adequação metodológica, mas atribui a si própria uma superação da dificuldade, conforme diz: “quando estudei não tinha palavras difíceis, para mim elas são difíceis de entender e fazer uma interpretação, [...] mas eles têm que usar elas, e eu tenho que entender, e fazer as interpretações e tento aprender”. Percebe-se que em nenhum momento da sua narrativa atribui as suas dificuldades a direitos que lhe foram negados ao longo da sua vida, de acesso à essa linguagem formal.

Vale ressaltar que é comum a entrada na universidade de diversos sujeitos sentindo dificuldade na compreensão de textos, possivelmente devido à falta de exposição e estudo de linguagem mais complexa, evidenciando a lacuna no conhecimento linguístico. Em relação a essa realidade, Reis (2016, p. 90), afirma que são os códigos acadêmicos que uma parte da sociedade não tivera acesso e a sua comunicação popular não são validadas na universidade. A autora afirma: “A falta de um capital cultural incorporado (habilidades linguísticas; postura, preferências e comportamentos ligados à cultura legítima) que serve como senha de acesso”. Diante dos desafios enfrentados ao longo desses percursos, as estudantes têm superado com êxito as adversidades. Elas experimentam um sentimento de realização, como evidenciado nas narrativas tanto de Gilda quanto de Irene. Gilda, apesar das dificuldades enfrentadas ao longo de sua trajetória de vida, tem superado suas limitações em sua primeira graduação, uma realização notável, especialmente considerando as condições menos favorecidas em que se encontra em comparação com aqueles que tiveram acesso a oportunidades educacionais mais amplas. Da mesma forma, Irene, já graduada e pós-graduada, encontra sentimentos de superação mesmo diante das limitações impostas pela idade, demonstrando-se desafiada e motivada a superar esses obstáculos. Essas histórias inspiradoras refletem a resiliência e a determinação das estudantes em perseguir seus objetivos acadêmicos e pessoais, ilustrando como o esforço e a perseverança podem levar ao sucesso, independentemente das circunstâncias enfrentadas.

### **3.3 Narrativas das estudantes idosas em relação a permanência**

É amplamente reconhecido que a permanência dos estudantes no ensino superior representa um desafio significativo, especialmente considerando as barreiras financeiras, de

saúde, familiares ou de motivação que muitos deles enfrentam. Em relação à permanência das estudantes idosas no ensino superior, entende-se que, especificamente, suscita desafios singulares, os quais incluem oportunidades de interação social, o ritmo e o conteúdo das aulas, bem como as questões relacionadas às tecnologias usadas nos espaços de aprendizagem. Esses aspectos foram percebidos pelas duas estudantes como obstáculos que vem sendo superados. Segundo Reis (2016), a permanência não se limita apenas à duração no tempo, mas também implica em uma transformação na maneira como algo ou alguém existe. Ou seja, permanecer não significa apenas estar presente por um período prolongado em determinado lugar, mas também implica em passar por mudanças ou evoluções que alteram a forma como algo ou alguém é percebido ao longo do tempo. Essa transformação pode ser tanto interna, relacionada ao desenvolvimento pessoal ou crescimento, quanto externa, refletindo mudanças no ambiente ou nas circunstâncias que cercam. Assim, pode-se dizer, concordando com a autora citada que: “[...] a permanência é, portanto, duração e transformação: é o ato de durar no tempo, mas sob outro modo de existência” (Reis, 2016, p. 82).

Nesta perspectiva, Gilda, de 66 anos, compartilha em sua narrativa que os principais motivos que a fazem persistir são os incentivos provenientes de sua filha e neta, ao dizer: “minha filha me ajuda muito, desde que voltei a estudar, e quando entrei na Ufal, ela e minha neta, meu Deus, ela me inscreveu no Enem e me acompanha, na questão de computador e minha neta”.

Observa-se, a partir da fala acima, que a família tem um papel importante nas trajetórias de permanência dos sujeitos idosos, pois o apoio e encorajamento atua como um fator impulsionador, figurando como um elo entre o subjetivo e o social. Assim, Silva; Freitas; Silva (2022, p. 244-245) afirmam, nesse sentido, que:

Nessa jornada destaca-se o valor da solidariedade por parte das famílias, professores, colegas de turma e a própria comunidade, que dentro de uma cumplicidade de retorno à escola dessas pessoas, contribuem, também para que permaneçam estudando. Isso porque começam a respeitá-los ao colocando em um lugar que avança, do que antes, era um confinamento em casa.

No que se refere a esses aspectos, podemos entender que para a estudante Gilda (66 anos), prosseguir no processo de aprendizagem possui um objetivo que é também social, uma vez que pretende, com sua trajetória inspirar seus netos e os jovens de sua comunidade; destacou que: “eu saio de casa às onze horas da manhã para a universidade e chego às onze da noite, eu quero mostrar para os meus netos que vale a pena estudar, para os jovens onde moro, que seja exemplo de incentivo, eu já com essa idade, continuo estudando” (Gilda, 66 anos). Nesse

sentido, ela assevera que vai concluir o curso, pois tem sonhos: “eu pretendo terminar, pois eu passei a minha vida ensinando as crianças que tinham dificuldade de ler, então pretendo ao terminar alfabetizar as pessoas que não sabe ler, e quem sabe se me derem oportunidade ainda trabalhar ensinando”.

O desejo expresso de concluir seus estudos está enraizado em uma vida dedicada ao conhecimento, mesmo sem uma formação formal, tem ensinado especialmente àqueles que enfrentam dificuldades na leitura. Sua aspiração de, ao finalizar sua formação, continuar alfabetizando aqueles que ainda não sabem ler e até mesmo encontrar oportunidades para continuar ensinando reflete um compromisso contínuo com a educação e um desejo genuíno de contribuir para a alfabetização.

No entanto, para Irene, o motivo que a leva a continuar estudando vai além de evitar a ociosidade, pois busca atualização de conhecimentos e aspira empreender uma nova carreira, além de possuir interesse intelectual em explorar novas áreas de estudo. Continuar estudando tem contribuído para seu bem-estar. Como diz: “tenho melhorado a minha depressão, sabe quando a gente se aposenta se senti abandonada, e ir estudar universidade tem melhorado minha vida” (Irene, 60 anos). Essa fala destaca o impacto positivo que a estudante teve ao dar continuidade aos estudos, permanecer na universidade representa uma melhora significativa em sua saúde mental e no seu bem-estar. Nesse sentido, ressalta o poder transformador que a educação e o engajamento intelectual podem ter no desenvolvimento acadêmico. Afirma que: “quando eu terminar o curso eu vou estar com 65 anos, e vou continuar se me deixar, vou estudar até os 80 anos” (Irene, 60 anos).

As duas estudantes têm aspirações e expectativas para quando concluírem seus estudos. Gilda almeja contribuir para a sociedade através do ensino, com ênfase na alfabetização. Mesmo que não consiga uma posição formal de emprego, planeja se dedicar como voluntária nessa área. Por outro lado, Irene, já aposentada, não tem intenção de buscar emprego, mas deseja contribuir para a sociedade através de projetos relacionados à construção de habitações populares. Essas declarações refletem sobre seus sonhos, conforme destacado por Coura (2008, p.4).

Sonhar é, portanto, um importante constitutivo da natureza humana que nos impulsiona viver. A todos os seres humanos seja em qualquer etapa da vida em que se encontre, a motivação e os sonhos são necessários. Para as pessoas da terceira idade não é diferente, muito pelo contrário, é um fator importante para garantir a vontade de viver. Foi a partir dos sonhos nutridos durante toda uma vida, que esses sujeitos buscaram pela escolarização.

A permanência na universidade para estudantes idosas representa a realização de um sonho, exemplificado pelo caso de Gilda, (66 anos), cujo desejo de ampliar conhecimentos tem sido concretizado. Essa incursão acadêmica também tem proporcionado estímulos cognitivos para Irene, de 60 anos, além de mobilizá-la a superar desafios inerentes ao ambiente acadêmico. Além disso, essa vivência universitária tem fomentado uma integração social significativa, permitindo o enriquecimento e estímulo mútuo entre as estudantes idosas e os jovens universitários.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho problematizou: *O que narram as estudantes idosas no ensino superior em seus percursos na Universidade Federal de Alagoas?* Nesse sentido, partiu-se do objetivo de compreender o que narram as idosas estudantes do ensino superior, sobre seus percursos na Universidade Federal de Alagoas. Para tanto, recorreremos, como observado, a metodologia da pesquisa qualitativa narrativa, no sentido de responder a problematização e alcançar os objetivos elencados.

A partir das narrativas das estudantes idosas do ensino superior, em relação aos desafios enfrentados durante suas trajetórias de vida escolar, conclui-se que, apesar de enfrentarem negação do direito à educação e desafios decorrentes de condições financeiras desfavoráveis, as idosas persistem em buscar oportunidades educacionais, demonstrando resiliência e determinação em alcançar seus objetivos acadêmicos. Foi possível observar que, apesar das trajetórias de vida distintas, marcadas por desafios relacionados à condição de mulheres negras em ambientes desiguais, conseguiram superar muitas dificuldades.

No tempo presente e na condição de idosas, relatam sentir-se plenamente realizadas, atribuindo à educação um papel motivador essencial em suas vidas. Em relação às motivações e expectativas ao ingresso das estudantes na Universidade Federal de Alagoas conclui-se que, em relação à estudante Gilda, percebe-se que tanto sua família quanto seus professores a motivaram. As estudantes nutriam esperanças de que pudessem superar a depressão que as afligia. Quanto a Irene, já graduada, a expectativa era de que ela se sentisse produtiva e realizada, destacando-se como um membro ativo e contribuinte para a sociedade.

Em relação ao impacto da experiência universitária na vida pessoal e profissional das idosas, conclui-se que enfrentaram novos aprendizados, como o domínio de tecnologias e a assimilação de conteúdos complexos, os quais, mesmo desafiadores, contribuíram para um

desempenho acadêmico considerado satisfatório, representando uma conquista significativa diante de sentimentos anteriores de incapacidade.

As perspectivas das idosas sobre a inclusão e integração no ambiente acadêmico, incluindo interações com colegas e professores, esbarraram na existência de diferentes realidades dentro da universidade. Enquanto no curso de Letras, Gilda descreveu um ambiente acolhedor e inclusivo, marcado pelo apoio dos colegas e docentes, sem enfrentar preconceitos relacionados à idade ou outras barreiras; no curso de Engenharia Civil, Irene relata um estranhamento inicial, seja pela idade ou questões raciais. No entanto, esses obstáculos foram superados, servindo como estímulo para o aprimoramento do desempenho acadêmico. Compreende-se, dessa forma, que é crucial promover ambientes educacionais inclusivos, que enriqueçam a experiência de todos os estudantes. A educação é de extrema importância para essas mulheres, que criticam a postura dos jovens contemporâneos em relação à busca de conhecimento, percebendo uma falta de comprometimento, questão que não abordamos por não ser foco desse trabalho. Em relação as estratégias adotadas pelas idosas no que concerne à permanência na Universidade Federal de Alagoas, elas revelam um forte sentimento de resiliência, determinação e persistência, além disso demonstram uma disposição para aprender novas tecnologias e métodos de ensino, garantindo sua participação efetiva nas atividades acadêmicas.

Para elas, o acesso e a permanência na educação podem ser aproveitados de maneira mais eficaz pelos jovens de hoje, fato que pode estar relacionado a uma visão de que esses possuem mais perspectivas de vida após a formação, o que revela a imprescindibilidade das instituições em desconstruir tais estereótipos e reinventar outra velhice.

Portanto, as experiências das estudantes idosas no ensino superior ressaltam a importância de políticas e práticas educacionais que valorizem a diversidade e promovam a inclusão, possibilitando a todos os estudantes, independentemente de idade ou origem, a realização plena de seu potencial acadêmico e pessoal.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo/ Brasil: Pólen Livros, 2019.

AZEVEDO, Alessandro Augusto; VIANA, José Danilo da Silva. O idoso como sujeito social na educação: pelo direito de ter voz, vez e lugar. Natal/RN, **Revista Educação em Questão**, v. 59, 2021.

BAUER, Martin; JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CACHIONI, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para terceira idade**: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco - Campinas, SP: [s.n.], 1998.

COURA, Isamara Grazielle Martins. Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: a terceira idade na educação de jovens e adultos. **Anais...** 31ª Reunião Anual da Anped, Caxambu, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LEÃO, Marluce Auxiliadora Borges Glaus. Educação permanente de adultos maduros, idosos e profissionais da área do envelhecimento: fundamentos para um projeto pedagógico de extensão universitária. **Revista de Extensão**, Universidade de Taubaté. Taubaté, SP, 2008.

PAIVA, Jane. Formação docente para a educação de jovens e adultos: o papel das redes no aprendizado ao longo da vida. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 21, n. 37, p. 83-96, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/459/399>>. Acesso em: 29 de Jan. de 2024.

REIS, Dyane. O Significado de Permanência: explorando possibilidades a partir de Kant. In: Gerson Tavares do Carmo. (Org.). **Sentidos da Permanência em Educação**: o anúncio de uma construção coletiva. 1ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.

SILVA, Jailson Costa da; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; SILVA, Miscelânea. a escolarização no compasso da vida: memórias das sertanejas- idosas do Proeja/ Ifal (20202021). **Revista Teias**, v.23 n.70, 2021.

SOARES, Márcia Regina Pacheco; ISTOIE, Rosália Santos Crespo; PACHECO, Thaís. Envelhecimento é aprendizagem: a educação em discussão. In. \_\_\_\_\_. **Envelhecimento em foco**: abordagens Interdisciplinares I. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2015.